



Mito da origem da noite

Dinâmica 6

9º Ano | 3º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	ANO	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	9º Ano do Ensino Fundamental	Conto oral indígena.	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto.

DINÂMICA	Mito da origem da noite.
HABILIDADE PRINCIPAL	H23 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H16 – Estabelecer relações entre as partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
CURRÍCULO MÍNIMO	– Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da ordenação. – Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e africano.

Professor/a, nesta dinâmica você irá desenvolver as seguintes etapas com seus alunos:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Apresentação da dinâmica, conhecendo a tradição oral indígena.	Leitura e discussão dos textos.	30 min	Toda a turma.	Individual/ Escrito e Oral/ Coletivo.
2	Análise dos textos e sistematização dos conteúdos.	Reconhecimento do encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.	30 min	Em duplas.	Escrito/Em dupla.
3	Autoavaliação.	Questão do Saerjinho.	20 min	Individual.	Escrito.
4	Etapa opcional.	Atividade de fixação.	20 min	Individual.	Escrito/Individual.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos motivadores, disponíveis nos encartes do professor e do aluno.
- Exercícios disponíveis no material do aluno.

ETAPA 1 APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA



CONHECENDO A TRADIÇÃO ORAL INDÍGENA

O eixo desta dinâmica é a valorização dos mitos de criação da cultura indígena. As lendas, os contos e mitos, as tradições orais indígenas sempre foram contadas de gerações a gerações, muito antes da chegada dos conquistadores europeus, e tinham (têm) como costume perpetuar a lembrança dos principais acontecimentos de sua história e com isso manter a sua identidade cultural.

Por meio da leitura do texto, o aluno será levado a reconhecer a importância do mito de criação não só para o povo indígena, mas de forma geral, e com isso entender o conceito de diversidade cultural. Observará, também, que as narrativas indígenas não podem ser facilmente separadas como contos, fábulas, mitos ou lendas, pois nos trazem um entrelaçamento de todas essas formas. Neste contexto, o objetivo central que permeará as atividades é a identificação e análise das relações lógico-discursivas que são estabelecidas na construção dos textos por meio de conjunções.

Cada sociedade, cultura ou civilização tem a sua própria maneira de explicar a origem da vida, do ser humano e de alguns fenômenos da natureza. Geralmente, as histórias de criação fazem parte do conjunto de mitos destas sociedades e acabam sendo adotadas como verdade em suas manifestações religiosas.

Vamos, então, conhecer agora um texto colhido entre a tribo maué pelo antropólogo Nunes Pereira sobre a origem da noite. Após a leitura do mito, leia sobre a tribo maué e o seu principal e conhecido ritual que ainda é realizado nos dias de hoje: a tocandira.

Condução da atividade

- *Oriente os alunos a lerem o texto individualmente.*
- *Em seguida, proponha uma atividade em dupla, em que os alunos elaborem a resposta das questões propostas após a leitura do mito.*
- *Finalize esta etapa com uma discussão com toda a turma a respeito das respostas apresentadas.*



Orientação didático – pedagógica

Professor/a,

A proposta desta fase é levar o aluno a conhecer a forma como os povos indígenas concebem a criação de muitos fenômenos. É válido, nesta discussão, perguntar se conhecem outros mitos de criação. Além disso, ao longo do debate, é interessante inserir a importância dos estudos dos antropólogos na divulgação das tradições indígenas, já que muitas tribos não têm o registro escrito. Daí a importância da tradição oral passada de geração a geração. Para atender aos objetivos, trazemos para a leitura um texto colhido entre a tribo maué pelo antropólogo Nunes Pereira sobre a origem da noite.



TEXTO 1

Mito da origem da noite

Colhida por Nunes Pereira entre os índios maué

Depois de criado o Mundo não havia noite para o Índio Maué dormir.

Então Uánhã, sabendo que a Surucucu era Dona da Noite, e, também, a Jara-raca, a Aranha, o Lacrau e a Centopéia, disse à sua gente:

– Vou buscar a Noite para vocês.

E foi, levando consigo arcos e flechas. Ao chegar à casa da Surucucu, lhe disse:

– Eu queria comprar a Noite. Aqui tens o meu arco e estas flechas.

A Surucucu lhe respondeu:

– Ora, filho, para que é que eu quero o teu arco e estas flechas, se não tenho mãos? Não. Não quero o teu arco e as tuas flechas.

Uánhã foi buscar, por isso, uma liga para as pernas. E, voltando à casa da Surucucu, lhe disse:

– Aqui está uma liga para amarrares na tua perna.

– Na perna não pode ser, meu filho. Amarra no meu rabo, porque eu não posso me levantar.

Uánhã amarrou a liga no rabo da Surucucu.

(Por isso, quando a cobra se zanga, sacode o rabo, fazendo um barulho: *ché, ché, ché*, para prevenir quem vai passar.)

A Surucucu, porém, não lhe entregou a Noite. Uánhã voltou noutro dia, levando venenos.

E disse à Surucucu:

– Vim buscar a Noite. Quero levar a Noite. Trouxe venenos comigo.

– Ah! Trouxe venenos? Então eu lhe entrego a Noite, porque de venenos é que eu preciso.

Arrumou a Noite (a Primeira Noite) dentro de uma cestinha e a entregou a Uánhã.

Os companheiros de Uánhã, assim que o viram sair da casa da Surucucu, correram a encontrá-lo no caminho.

– Então, é verdade que levas a Noite contigo?

Uánhã respondeu que sim, mas que a Surucucu lhe recomendara que só abrisse a cestinha em casa.

Mas os companheiros de Uánhã tanto insistiram em abrir a cestinha que, afinal, acabaram conseguindo.

Da cestinha saiu a Noite: a Primeira Noite.

Os companheiros de Uánhã, espantados e com medo, puseram-se a gritar, fugindo, depois, às cegas.

E Uánhã também se pôs a gritar: Tragam a Lua! Tragam a Lua!

Porque Uánhã tinha ficado só dentro da Noite.

Então os parentes da Surucucu — a Jararaca, o Lacrau, a Centopéia — que já haviam dividido os venenos entre si cercaram Uánhã, e a Jararaca, irmã da Surucucu, o picou no dedo do pé.

Uánhã sentiu dor, conheceu que a Jararaca o picara e disse:

– Sei quem tu és, sei quem tu és. Os meus companheiros te matarão.

Todas as outras cobras foram experimentar seus venenos em Uánhã. Só a Cutimbóia não, porque, sendo muito braba, os parentes da Surucucu não lhe deram nenhum veneno: só assim não morderia todos os Maué.

Uánhã morreu da picada da Jararaca, mas, como havia feito um trato com um amigo, este, encontrando-o morto, fez um banho de folhas mágicas e com ele banhou o cadáver.

Uánhã ressuscitou, e, pondo-se a caminho, foi buscar em casa da Surucucu a Noite, a Grande Noite, porque a outra havia sido muito curta.

E entregou mais venenos à Surucucu.

A Surucucu, para tornar a Noite grande, misturou jenipapo com todas as imundícies que encontrou.

A Grande Noite foi feita com imundícies.

É por isso que, à noite, sentimos tantas dores no corpo, ficamos com a boca amarga e fedorenta.

Essa foi a Noite que Uánhã arranjou para os Maué.

PEREIRA, Manuel Nunes. **Monronguêta**: um Decameron indígena. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1980, p.711-713. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/abril111/es1110415.asp> Acesso em 20 abr. 2013.

QUESTÃO 1

Em relação à ideia principal do texto, por que o índio maué foi em busca da Noite?

Resposta Comentada

Professor/a, o aluno deve perceber que, após a criação do mundo, a tribo se deu conta de que não dormia, só trabalhava, precisava da noite, e Uánhã, por isso, foi em busca dela para seu povo.



QUESTÃO 2

Em relação à mensagem do texto, que tipo de noite Uánhã arrumou para a sua tribo, após desrespeitar o conselho da Surucucu? Você acredita que há alguma lógica nesse mito, isto é, de que à noite sentimos dores no corpo e ficamos com a boca amarga e fedorenta?

Resposta Comentada

O aluno deve assinalar que a noite conseguida por Uánhã, apesar de ter sido a “Noite grande”, e não mais uma “Primeira Noite”, é uma noite feita com todo o tipo de imundície, já que a “Primeira Noite” que estava na cestinha não foi aberta em casa como recomendado pela Surucucu.

Em relação à lógica do mito e aos sintomas provocados pela noite, a resposta é pessoal.



Caleidoscópio

A dança da tocandira (Texto adaptado)

Alexandre Horiopan

O maué é um ser pacífico, dado à lavoura, à caça e à pesca de subsistência. O índio maué, se outrora foi guerreiro, poucos vestígios restam daquela índole na tribo. A leitura dos mitos conhecidos indica um povo altaneiro, mas que dominava mais pela sua cultura – personificada na magia e na medicina – do que por feitos guerreiros.

Apesar de pacíficos, os maués possuem uma bravura fora do comum. Uma das suas principais festas – e, ao mesmo tempo, o acontecimento mais importante na vida de um homem – a dança da tocandira, prova o domínio que exerce sobre si mesmo e o seu total desprezo pela dor física.

O ritual e seu significado

A dança da tocandira é uma dança ritual, estreitamente ligada às práticas de magia que presidem da puberdade dos rapazes à sua iniciação na condição de homens feitos. [...] A festa consiste num conjunto de provas, de cunho aparentemente cruel. [...] Diz Barbosa Rodrigues que a tocandira – ou

veaperia – é uma formiga enorme, do tamanho de um maribondo que, além de morder, possui um ferrão venenoso, cuja ferroadada provoca dores terríveis, feridas duradouras, febres, e às vezes mesmo a morte. Essa formiga, no entanto, é considerada pelos maués “como uma divindade”, e empregada “aos centos para provar o valor e a capacidade de sofrer”.

Manuel Nunes Pereira conseguiu informações completas sobre a tocandira: o ácido fórmico, injetado pela sua ferroadada, é utilizado como remédio para curar impaludismo, gripe, ou outra moléstia qualquer. A parte do corpo definida pelo curandeiro como sendo o centro vital da doença é exposta à ferroadada. Eis, por conseguinte, a explicação da característica “divina” do inseto: o seu poder curativo.

As sete provas, que compõem a dança ritual da tocandira, são consideradas como imprescindíveis à hombridade, à coragem, à força de resistência física e moral do indivíduo.

Como toda prática de origem religiosa, encerra a sua parcela de magia. Esta, por sua vez, freqüentemente se confunde, nos povos chamados primitivos, com a medicina ou a higiene. De onde se conclui que as provas, às quais se submetem os jovens para serem aceitos no rol dos homens, podem, muito bem, representar ainda uma espécie de fortificante de efeitos vitalícios, ou, simplesmente, um tipo de vacina, de imunização primitiva.



Figura 1: Meninos da etnia sataré-mawé, participam do Ritual da Tocandira.

Fonte: <http://www.amazonmundi.com/2012/05/aldeia-satere-mawe-sahu-ape-quer-manter.html>. Acesso em 21 abr. 2013. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/setembro104/fe10409.asp>. Acesso em 21 abr. 2013.



ETAPA 2

ANÁLISE DOS TEXTOS E SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS



Até aqui, você conheceu o mito de criação da noite do povo maué e a importância de seu principal ritual, a tocandira. Além disso, ao ler o **Mito de Criação da Noite**, percebeu que há a presença do diálogo entre Uánhã e a Surucucu, viu como ambos argumentaram e contra-argumentaram cada um em favor de seus objetivos e interesses. Vamos agora entender como algumas dessas ideias argumentadas foram construídas, amarradas e estabeleceram, dentro do contexto (da frase/oração), uma relação de sentido. E, ainda, vamos perceber como essa relação é, muitas vezes, amarrada, unida por determinadas palavras chamadas de **conjunções**.

Antes, é preciso relembrar a missão das conjunções, e principalmente das conjunções coordenativas.

Caleidoscópico

Você sabe qual é a missão das conjunções?

Em linhas gerais, a missão gramatical das conjunções é unir elementos de mesmo valor funcional (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração etc.), não somente os isolados, como também os agrupados.

Aproveite E traga a cobertura de chocolate.

*Além disso, as conjunções, ao ligarem orações ou palavras, estabelecem entre elas uma relação de sentido. E, de acordo com essa **relação de sentido** (que expressa uma ideia), as conjunções recebem uma classificação.*

COORDENATIVA	RELAÇÃO SEMÂNTICA	EXEMPLO
ADITIVA	adição de ideias, soma.	e, nem, (não só...) mas também.
ADVERSATIVA	oposição, contraste.	mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto.
ALTERNATIVA	alternância, escolha.	ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja.
CONCLUSIVA	conclusão lógica.	portanto, logo, pois (postposto ao verbo).
EXPLICATIVA	explicação, razão.	porque, que, pois (anteposto ao verbo).

O sentido de uma conjunção é determinado pelo contexto, nunca de forma isolada. Além disso, elas são responsáveis por "amarrar" duas ou mais ideias. Observe:

Ela tem muitas virtudes. Não é perfeita. → Ela tem muitas virtudes, **mas** não é perfeita.

Esse “amarrar” por meio do **mas** é um aspecto muito importante quando estudamos as conjunções e o encadeamento das orações coordenadas, já que um texto é constituído de relações de sentido entre um ou vários conjuntos de vocábulos, expressões ou frases.



Condução da atividade

- Após a conversa sobre a missão das conjunções, requirite que os alunos retornem ao Texto 1 e observem as falas entre Uánhã e Surucucu.
- Em seguida, peça que sublinhem passagens em que apareçam conjunções adversativas. Isso mostrará o valor da argumentação e contra-argumentação (ideia contrária). Por exemplo: “Uánhã amarrou a liga no rabo da Surucucu”. “A Surucucu, **porém**, não lhe entregou a Noite.”
- Para isso, consultem a tabela com as conjunções coordenativas adversativas.
- Por último, solicite que façam as atividades propostas, classificando e justificando semanticamente as conjunções, conforme o sentido proposto pelo contexto.



Orientação didático – pedagógica

Professor/a,

O objetivo desta dinâmica é mostrar a importância da construção de uma ideia com coerência, respeitando-se e adequando-se o valor semântico de cada conjunção à intenção de tal ideia. A atividade prevê que o aluno identifique as conjunções e as classifique semanticamente dentro do texto, percebendo, com isso, a construção e o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.

Ao identificar e classificar semanticamente cada conjunção, o aluno deve entender que o objetivo não é apenas localizar e decorar o valor da conjunção, e sim entender que elas estão presas ao contexto e tem uma lógica de encadeamento. Desta forma, espera-se melhorar tanto a sua competência enquanto leitor quanto a sua habilidade de construção textual com o uso pertinente das conjunções coordenativas.



ATIVIDADE

Para que as ideias sobre o encadeamento das orações coordenativas sejam compreendidas, observe o tipo de relação que as palavras destacadas do texto “**Mito de criação da noite**” expressam. Oriente-se pela tabela das conjunções e aponte o valor semântico subentendido em cada oração, explicando a razão de estarem sendo empregadas dentro de tal contexto:

- a. “– Na perna não pode ser, meu filho. Amarra no meu rabo, porque eu não posso me levantar.”

- b. “Arrumou a Noite (a Primeira Noite) dentro de uma cestinha e a entregou a Uánhã.”

- c. “Uánhã respondeu que sim, mas que a Surucucu lhe recomendara que só abrisse a cestinha em casa. Mas os companheiros de Uánhã tanto insistiram em abrir a cestinha que, afinal, acabaram conseguindo.”

Resposta Comentada

Para solucionar esta questão, é importante que o aluno releia o texto e localize o fragmento de onde foram destacadas as conjunções para que ele possa entender o contexto das orações coordenadas.

No item (a), a relação de sentido é de explicação, razão, motivo, expressa pela conjunção porque, pois o personagem explica o porquê do pedido, de amarrar a liga em seu rabo: ele justifica/explica que não podia se levantar.

No item (b), a relação de sentido é de adição, soma, expressa pela conjunção e, já que o personagem soma duas ações, arruma a Noite dentro de uma cestinha e a entrega a Uánhã.

No item (c), a relação de sentido é de contraste, oposição, expressa pela conjunção mas, já que o personagem vai de encontro à recomendação dita anteriormente, abrindo a cestinha antes de chegarem à casa, ou seja, opõe-se à ideia expressa anteriormente.



ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO



(QUESTÃO DO SAERJINHO)

Leia os textos.

TEXTO 1

Barulho na vizinhança

Acordei pela manhã com o barulho dos meus vizinhos. São sempre muito discretos, mas hoje fizeram uma barulheira incomum. Moro no segundo andar de um prédio. Um coqueiro já chegou à altura da minha janela e em sua palma duas rolinhas residem há algum tempo. São eles os meus vizinhos buliçosos. Logo eles que são habitualmente silentes. Ronronam durante a manhã e por volta do meio-dia arremedam um “fogo apagou” que enche o ar de preguiça e melancolia.

Durante o resto do dia, permanecem mergulhados num silêncio monacal¹. [...] Da minha janela não dá para saber qual o motivo de tanto alvoroço. Será algum gato que se aproxima? Ou o nascimento dos filhotes? Ou um natural azedume do arrebol²? [...]

(1) Monacal: único.

(2) Arrebol: amanhecer ou entardecer.

Disponível em: <<http://www.neupoesias.hpg.ig.com.br/cronicas/barulho.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2011. Fragmento. (P091162RJ_SUP)

Leia novamente o texto “Barulho na vizinhança” para responder à questão.

QUESTÃO 1

No Texto 1, no trecho “**Ou** o nascimento dos filhotes? **Ou** um natural azedume do arrebol?”, a conjunção em destaque estabelece uma relação de

- a. acréscimo.
- b. alternância.
- c. explicação.
- d. oposição.

Resposta Comentada

A resposta correta é a letra “B” porque a passagem estabelece uma relação de exclusão em relação a outra oração. A letra “A” não está correta porque não há ideia de acréscimo com outra oração. A letra “C” não está correta porque não há explicação em relação à oração anterior. E a letra “D” também não está correta porque não apresenta uma ideia de oposição em relação à ideia anterior.



ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL



ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

Sobraram uns minutinhos? Vale fixar com a turma a reescrita de orações, transformando-as em orações com encadeamento coordenativo.

Condução da atividade

- Oriente os alunos de que esta atividade deve ser feita individualmente.
- Oriente-os a prestar atenção ao contexto das orações e na pontuação.
- Oriente-os a consultar a tabela da Etapa 2.
- Realize a correção no quadro.



Orientação didático - pedagógica

Professor/a,

Esta atividade opcional visa à fixação das mudanças necessárias que o aluno deve realizar ao transformar, reescrever orações pelo mecanismo da coordenação. Nesta proposta, é importante frisar o uso adequado das conjunções coordenativas, respeitando-se, para isso, o contexto das frases.



Leia as orações de cada um dos itens a seguir, tentando perceber a relação semântica existente entre elas. Em seguida, amarre-as numa única frase, empregando uma destas conjunções coordenativas: **e, mas, quer ... quer, portanto, porque.**

- a. O aluno novo pertencia ao meu grupo. Não se entrosava bem.

- b. A campanha tocou. Os operários largaram o serviço.

- c. Você queira. Você não queira. Vá tomar banho agora.

- d. Não se atrase. O ônibus parte pontualmente no horário combinado.

- e. Encontrei o banco fechado. Não pude pagar a conta de luz.

Resposta Comentada

- a. *O aluno novo pertencia ao meu grupo, MAS não se entrosava bem (estabelece um contraste).*
- b. *A campanha tocou E os operários largaram o serviço (adiciona uma outra ação).*
- c. *QUER você queira, QUER você não queira, vá tomar banho agora (estabelece uma alternância).*
- d. *Não se atrase PORQUE o ônibus parte pontualmente no horário combinado (estabelece uma explicação para não atrasar).*
- e. *Encontrei o banco fechado, PORTANTO não pude pagar a conta de luz (estabelece conclusão da ação de não pagar).*



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. 16 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- ———. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- PEREIRA, Manuel Nunes. **Monronguêta: um Decameron indígena**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980, p. 711-713.

SITES CONSULTADOS

- <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/abril111/es1110415.asp>
- <http://www.amazonmundi.com/2012/05/aldeia-satere-mawe-sahuape-quer-manter.html>
- <http://www.mundomirim.com.br/produto/1271-ococoque-guardavaanoite>

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O PROFESSOR E ALUNO

- POTIGUARA, Eliane. **O coco que guardava a noite**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.

O livro é um reconto originário de uma lenda karajá, na qual os personagens precisam enfrentar o mistério da descoberta da noite, e, para isso, seguem um caminho mágico, de realidades e fantasias dessa cultura indígena. A autora é remanescente da tribo potiguara, formada em Letras e grande ativista das causas indígenas. No site da editora, Mundo Mirim, há um link com orientações didáticas de como encaminhar a leitura do livro, além de vídeos relacionados à cultura indígena.